OTTO GUERRA

O Serviço Social
a Era Atômica

F000121

1959

Entre os trabalhos anteriores do dr. Otto Guerra, destacam-se um sôbre o problema dos sêcas, outro sôbre o problema do divórcio.

Este último, "Divórcio e Reajustameto Familiar", recebeu aplausos da crítica, pela sua objetividade e clareza de argumentação, inclusive da revista "Vozes de Petrópolis" e do padre Mosca de Carvalho, da Universidade do Recife.

O outro, intitulado "A Batalha das Sêcas", foi elogiado pelo deputado Carlos Lacerda, pelos jornalistas Eloi de Souza, Edgar Barbosa, general Fernandes Távora, professor Andrade Furtado, vice reitor da Universidade do Ceará, dr. Antônio de Souza, ex-governador do Estado e autor de várias obras.

Não pretendeu fazer uma obra emotiva na evocação de que é capaz a sua sensibilidade, focalizando os aspectos dolorosos desta tragédia multi-secular. Preferiu fazer, e o fez com felicidade, um roteiro das atividades públicas e da colaboração dos homens capazes, que através de tantos anos, desde o Império até os nossos dias, procuraram indicar as soluções adequadas ao problema das sêcas. Esse gênero bibliográfico, no feitio dos bibliotecas norte americanas, nos estava fazendo muita falta e a lacuna vem de ser preenchida por êsse jovem estudioso dos assuntos sociais e econômicos do nordeste brasileiro.

ELOY DE SOUZA

Tendo acabado de lêr, com alma de sertanejo, e olhos de viajor, de muitas sendas — "A Batalha das Sêcas", de sua autoria — devo felicitá-lo pelo nobilíssimo munus dos Guerras, de não deporem a pena... enquanto as Aguas do SERTÃO... se forem desperdiçar no Oceano.

Gen. FERNANDES TÁVORA

FARN

OTTO GUERRA

O Serviço Social Na Era Atômica

1959

FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg

Existe uma questão social e operária. Todos sabem. Na famosa "Rerum Novarum", LeãoXIII assim enumerava suas causas: os progressos incessantes da indústria; a mudança nas relações entre patrões e operários; a afluência da riqueza nas mãos de um pequeno número, ao par da indigência da multidão, colocada em situação de "miséria imerecida"; o melhor conceito que os operários começaram a formar de si próprios; a união mais compacta dos mesmos trabalhadores; por fim, a corrução dos costumes.

Cada um dêstes componentes do explosivo social, só por sí, daria margem a estudo alentado, para quem tivesse cabedal e vagares. Ressalvada a corrução dos costumes, triste sequela, em todos os tempos, da viciada, embora perfectível natureza humana, os demais fenômenos relacionados pelo documento pontíficio datam de época relativamente recente. Eles surgiram, com efeito, de uns 150 anos para cá. Pois a tanto corresponde a chamada "revolução industrial", por sua vez decorrência da invenção do motor hidraulico, depois da máquina a vapôr, evoluida no motor a explosão, posteriormente a jato, podendo se esperar, para futuro relativamente próximo, tal a brusca aceleração dos fatos, a generalização dos motores movidos pela energía atômica.

A revolução industrial

Este não é o momento, naturalmente, de debater a filosofia do maquinismo, sua exata posição, de apontar as grandes vantagens, ao par dos inegáveis exageros do tecnicismo, do industrialismo desumanisante, que gerou a concentração capitalista e tambem socialista, ficando o poder econômico nas mãos de poucos, ou nas mãos do Estado, de qualquer forma, uma ditadura econômica.

I A R N
BIBLIOTECA
Nº Reg.

Fatos que têm desencadeado complexos problemas sociais e humanos e que reclamam a reforma da emprêsa, uma reforma de estrutura e uma reforma institucional e moral, para que se edifique uma economia verdadeiramente humana, (Kothen).

Nem siquer vamos discutir, com a bem informada Gina Lombroso, se a milenária China do passado remoto, ou mesmo se a antiguidade clássica teriam, de fato, engenheiros e físicos tão capazes, quanto os de hoje, para inventar máquinas algo semelhantes àquelas que ora nos servem. Se não quizeram avançar tanto, foi porque informados, orientados, por princípios de ordem intelectual e moral, que os levavam a temer, muito mais do que a desejar, os portentos de que hoje nos orgulhamos, é bem verdade, mas que tambem povoam de receios as mentes humanas.

Certo, sòmente nos fins do século XVII se teriam combinado as condições econômicas, sociais, políticas, morais, e espirituais, que possibilitariam, derrocada a nobreza, elevada a burguesia, o advento do moderno regime industrial. Ele principiaria na Inglaterra, onde se firmaria no século seguinte. E se espraiaria pelo mundo inteiro, como se viu, convulsionando velhas estruturas, abalando instituições, até chegar-se ao fenômeno, bem mais recente, da ascenção das massas, em plena fermentação.

Desmantelavam-se o artesanato primitivo, as oficinas familiares, o trabalho manual, cujos poucos componentes se conheciam todos, se entreajudavam, para chegar-se, pela divisão do trabalho, pela concentração obrigatória dos operários, ao pé de máquinas e instalações custosas, inacessíveis à bolsa dos pequenos, pela constituição de organismos que se tornavam estados dentro do Estado, tão grande o seu poder— à formação do incontável exército dos assalariados. Mera "força de trabalho", vivendo na estrita dependência do ganho diário, em cuja fixação se ignoravam necessi-

dades pessoais e familiares, a nova espécie de servidão transformava-os em proletários, em excomungados da vida social, na veemente expressão do padre Chenu, sem propriedade, sem cultura, sem responsabilidades cívicas e sociais. Passava a ter o capital, crescentemente, o papel preponderante na direção da vida econômica e daí na própria vida social e política dos povos.

As "harmonias" econômicas

Tais fatos coincidiam com o predomínio das idéias liberais e individualistas, princípios que, sob a inspiração de Adam Smith, Malthus, Ricardo, para citar alguns, excluiam implicações morais nos problemas de salário, número de horas de trabalho, de repouso semanal, de respeito às limitações naturais de idade e sexo, todos considerados de natureza puramente econômica, sujeitos a leis específicas, como as da oferta e da procura, de mercados e preços. Entendiam, desta sorte, que o livre jogo dos interesses econômicos, a diligência e atividade de cada um, concorreriam, como que automaticamente, para a obtenção do bem de todos e de cada um. Como se, deixados os fracos de um lado, os fortes de outro, sem controle moral e legal, ainda assim resultassem aquelas harmonias economicas, sonhadas por Bastiat e, como se anjos fossem, os poderosos se impusessem limites às suas desmedidas ambições de lucro e poder.

Entregues os trabalhadores à sua própria sorte, proibidos até do direito natural de associação, desprotegidos de qualquer regulamentação legal do trabalho, contrariamente ao que antes ocorria, seria inevitável o fenômeno da proletarização das massas, o escândalo da condição proletária, uma das maiores vergonhas da história moderna e contemporânea, escândalo que cumularia com o fenômeno da apostasia

das massas.

Em seu livro famoso, "O Capital", livro I, capitulo 24, Carlos Marx, insuspeito de pendores católicos, ao retratar a situação da Inglaterra, no final do século XVI, éra anterior às violentas desapropriações promovidas pela Reforma e à revolução industrial, recorda como a própria servidão havia de fato desaparecido naquele país e como, com o advento da nova éra, a classe trabalhadora se precipitou, sem transição, da sua idade de ouro para a sua idade de ferro.

Marx, como outro qualquer que objetivamente estude essa tremenda regressão humana provocada pelo liberalismo sem peias e entranhas, por isso mesmo pai do comunismo, arrola depoimentos, inquéritos, artigos de jornal, verdadeiramente estarrecedores. E no entanto, diga-se de passagem, embora com certas atenuações, via de regra, muita coisa algo aproximada ainda agora acontece neste envaidecido século XX.

Documentação eloquente

Recordemos alguns documentos, comprobatórios da tese de que o liberalismo importou num regresso moral e humano, preparando a cama do comunismo ateu.

Primeiro a orgulhosa Inglaterra, que pela lei Aberdeen decidira, farisaicamente, fazer aprisionar por sua marinha todos os navios negreiros encontrados, quando no seu território se praticava um novo tipo de escravidão, pela exploração do homem pelo homem. Assim é que em 1860, portanto ha menos de um século, o sr. Brougthon, magistrado de condado, denunciava, como fato corrente, que crianças de 9 e 10 anos eram arrancadas do leito, entre 2 e 4 da madrugada, para trabalharem seguidamente, até as 22 ou 24 horas, ganhando como salário, tão só, a comida. Comissões parlamentares de inquérito, em 1860 e 1863, encontraram

meninos de 10 anos com duas noites seguidas trabalhando. Para evitar que o sono e o cansaço vencessem, eram obrigadas a cantar, ou tinha a cabeça mergulhada nagua fria. Falhando tais recursos, eram espancadas por capatazes, com barras de ferro (billy-roller), quando não pelos próprios pais, receiosos de piores maus tratos, se açoitados por estranhos... As primeiras reinvindicações sobre jornada de trabalho pugnavam pela redução para 18 horas por dia.

Na França, em pesquisa feita no ano de 1835, o dr. Villermé comprovava a absoluta insuficiência dos salários, a tal ponto que na zona de Ruão 61% dos trabalhadores de industriais texteis tinham forçosamente que recorrer à caridade pública, como se fossem esmoleres. para completar um mínimo necessário à sobrevivencia. O trabalho normal era de 20 horas diarias. Em Paris, no inverno de 1839-1840, um operário de cada três morreu de fome e o número de crianças expostas subiu a 130 mil. Adiante-se que nas fabricas de luvas trabalhavam meninos até de 3 anos, lidando com ferro de engomar.

Passando para a Alemanha, nada diferente. Mães que não tinham com quem deixar os filhos, entregavam-lhes mamadeiras com bebidas alcoolicas, ao sairem para as fábricas, a-fim-de que, ebrios, não viessem a chorar demasiado...

Ora, da promiscuidade, da miséria, da animalisação de tantas vidas, a tal ponto que, denunciava-se no Parlamento inglês, mulheres e moças tinham que trabalhar despidas, em certas minas, misturadas com homens, muitas vezes encarregadas de executar trabalhos antes reservados aos cavalos, porque menos dispendioso o seu salário, do que a ração dos animais, desses extremos de rebaixamento humano, toda sorte de desajustamentos seria perfeitamente explicável, a bem dizer fatal.

Como explica Amaral Fontoura — "Introdução ao Serviço Social" — a revolução industrial não trouxe apenas problemas de trabalho. Ela acarretou o êxodo dos campos, as concentrações em cidades gigantescas, o esfacelamento das famílias, pela dispersão de seus membros e falta de oportunidades educativas, o incremento das molestias sociais (tuberculose, loucura, etc.) o desemprego, a crise nos transportes, no alojamento, na alimentação, a disseminação de vícios chamados elegantes, o incremento da taxa de criminalidade, etc.

O Serviço Social

Urgia, por conseguinte, encarar de frente essa multiplicidade de grandes e graves problemas, pois do contrário o inferno ainda seria pior. Fazia-se necessário um tratamento ao mesmo tempo científico e cristão do problema, a sua prevenção oportuna. Eis a razão do Serviço Social, eis o motivo do assistente social surgir em cena, ele que é "o personagem mais típico e mais original dos tempos modernos" (Jeanne Marie Linn).

Não é que, individualmente, não tivessem aparecido grandes santos, personalidades eminentes, clamando por um tratamento cristão dessas desordens, denunciando a perversão dos costumes. Não é que a caridade cristã se houvesse demitido ou aposentado, quando até mesmo ordens religiosas se fundaram, notáveis, para cuidar dos doentes, dos pobres, dos desajustados. O insuspeito René Sand chega ao ponto de proclamar que a obra vicentina é a mais antiga escola de serviço social do mundo.

Como acentuámos em trabalho anterior, a novidade do Serviço Social não reside no fato da assistência prestada ao proximo, em sí, pois sempre o homem precisou do semelhante, em suas dificuldades e deficiências e nunca faltaram os bons samaritanos. O que vamos encontrar de novo, de específico, é a maneira de

atuar, um trabalho sobre o cliente e sobre o meio em que vive e se desenrolam os problemas a solucionar ou a previnir, de sorte que, nesse trabalho, cientificamente dirigido, jamais a criatura humana seja passivo recebedor de cuidados, méra testemunha do que outros estão fazendo por sí, espécie de civilmente incapaz, porém que pessoalmente venha participar do esforço, coopere, de maneira positiva, na solução do seu próprio caso, nos problemas do seu grupo, da sua comunidade, tornando-se, gradualmente, auto-suficiente, um sêr ajustado na vida, descobrindo em sí próprio e nos outros riquezas e grandesas antes não suspeitadas. E' o bastante para convencer-nos que todo assistente social ou é um reformador entusiasta e confiante, ou lhe falta o principal.

Muita coisa melhorou, em materia de crise social, do século passado e princípios deste, para nossos dias. Muito, porém, ainda ha que fazer, no esforço de desproletarização das massas, de humanização da técnica, de intensificação da vida comunitária, para que não tenhamos criaturas talhadas à imagem e semelhança da filosofia coletivista, dissolvidas na massa, ou da filosofia individualista, que não vê as relações orgânicas e mútuas, que devem unir-nos uns aos outros, supondo-nos soltos na vida, como grãos de areia, para usar de uma expressão de Pio XII na "Summi Pontificatus."

Nunca, o "anarchic individual", nem o "mass man". Ao contrário, a riqueza total de cada pessôa humana desenvolvida ao máximo, dentro dos quadros sociais, batalhando pelo bem comum, condição do próprio bem pessoal.

Esta é a grande missão do Serviço Social. Como adverte Simone Paré, ele "não deve limitar o seu trabalho à ação exercida junto ao individuo e ao seu meio

imediato. Pois diminuiria a envergadura de sua missão, se tambem não se interessasse pelos aspectos coletivos da vida humana".

Métodos do Serviço Social

Eis o que explica o emprego, pelo Serviço Social, daqueles tão conhecidos metodos, já suficientemente provados pela experiencia viva: a) o **serviço social de casos**, que os canadenses, profundamente cristãos, preferem chamar de serviço social **pessoal**, porque caso é coisa anônima, impessoal, capaz de nos dar a tentação de vêr, no cliente, apenas um caso a mais, uma ficha, esquecendo aquela pessoa particular, única. O serviço de casos é o "conjunto de processos utilizados para reajustar, consciente e individualmente, o homem a condições normais de vida, desenvolvendo-lhe, ao mesmo tempo, a personalidade" (Mary Richmond). Um método cujos princípios fundamentais, na lição de Swithum Bowers, são os seguintes: individualização, auto-determinação, não julgamento, aceitação, relacionamento; b) o **serviço social de grupo**, "método de educação social em que os próprios membros do grupo são educados, educadores e material educacional, funcionando num processo de relacionamento" (Slavson) cabendo ao assistente social ter a habilidade de ser, apenas, o agente proximo e exterior, a ajudar o membro do grupo a ajudar-se a si mesmo (Dorothea Sullivan); finalmente, c) o **serviço social de comunidade**, "processo que visa promover e manter um ajustamento entre a necessidade e os recursos locais em uma determinada area geográfica ou campo funcional" (Dunhan).

Problemas dos subdesenvolvidos

Na verdade, o Serviço Social ainda tem muitissimo que fazer. Num mundo que tanto progrediu na

técnica, as desigualdades clamorosas, as situações absurdas coexistem, num mesmo continente, num mesmo país, numa mesma cidade, numa mesma rua, diria ainda, numa mesma casa. Os depoimentos amontoam-se, de Josué de Castro, do Padre Pierre, de René Masseyeff, de Jean Fourastié, do pessimista William Vogt, da OMS, da FAO, do FISI, da UNESCO, mostrando como, no limiar da era atômica. dos teleguiados, dos satélites artificiais, ainda estamos atrazados em materia de bem estar generalizado para a humanidade. Os preparativos militares, a guerra fria, demandam gastos assombrosos, de um lado e outro da cortina de ferro, impedindo auxilios substanciais aos povos subdesenvolvidos, que despertam, não se conformando por muito mais tempo com a fome e a miséria. Anota o financista grego Angelos Angelopoulos, no seu bem informado livro "O Atomo Unirá o Mundo?" que a redução, pela metade, de 25% das despesas militares dos 4 grandes (Estados Unidos, União Sovietica, França e Inglaterra) importaria na economia de, pelo menos, 10 bilhões de dólares, por ano, soma bastante para uma ajuda financeira substancial capaz de acelerar a expansão dos paises subdesenvolvidos e de absorver os excedentes de produção dos paises industrializados, temerosos da superprodução.

Por seu turno, o padre Pierre, o famoso capuchinho deputado, faz perguntas que perturbam ou deveriam perturbar nosso comodismo. Quantos sabem, pergunta ele, que enquanto desfrutam da sua requintada cultura, neste momento mesmo, três homens em cada quatro não poderam comer o mínimo necessário a um adulto normal? E que, em cada dois casais, no mundo, um deles não têm, agora mesmo, moradia com mínimo de habitabilidade? Quem se lembra que 66% dos habitantes do nosso globo não dispõem senão de 15% da renda total do mundo,

enquanto que apenas um terço da população, aquela que está nos paises ricos, tem a seu dispôr 85% da renda universal? Mesmo nesses paises ricos, quantos tambem são miseráveis, de sorte que muito pequeno, relativamente, é o número dos que detêm a riqueza? Eis porque precisamos sair do circulo vicioso: fome, doença, sub-produção, caldo de cultura para o comunismo, ou para a revolta.

A éra do átomo

Todas estas coisas, como deixámos provado, provieram, afinal de contas, daquela revolução industrial, por sua vez informada por princípios nitidamente anticristãos e por isso mesmo desumanos. E eis que já se delineia, bem nítida, nos horizontes, uma nova era, uma nova e mais profunda revolução industrial.

Trata-se, é bem vêr, daquela revolução inaugurada se bem podemos fixar datas, no dia 2 de dezembro de 1942, nos Estados Unidos, com a experiencia favorável da primeira pilha atômica. Era a primeira reação em cadeia, provocada pela libertação e controle da energia de atomos de uranio. Daí foi possível chegar à bomba atômica, às explosões de Hiroshima e Nagasaki, quase brinquedos de criança, se comparadas às superbombas de hidrogênio, de que dispõem as potencias, em ambos os lados da cortina vermelha, que separa a humanidade em dois blocos, por isso mesmo povoando de sombras sinistras a nossa era. Sombras que somente poderão ser dispersadas pelo sopro quente do Espiríto Divino, que é, antes de tudo, caridade universal e união, nunca, pela multiplicação alucinada de novos e mais portentosos engenhos de destruição.

Estamos assim no limiar de novos tempos, sob o signo de vertiginosos progressos tecnológicos, integrados no nosso cotidiano. Tudo isto já o grande Pio XII antevira e acentuara, em sua mensagem pascal de

1957, quando disse:

"Enquanto as descobertas da ciência alargam os horizontes das possibilidades humanas, diz o Pontífice, a técnica, e a organização tornam essas conquistas efetivas, pondo-as ao serviço imediato do homem. A energia nuclear já inaugurou, praticamente, uma nova era: casas já são iluminadas por uma energia proveniente da utilização da fissão nuclear e não parece muito distante o dia em que as cidades serão iluminadas e as maquinas acionadas por processos de síntese semelhantes aos que fazem brilhar, desde milhões de anos, o sol e as outras estrelas. A eletrônica e a mecânica estão ao ponto de mudar o mundo da produção e do trabalho pela automação: o homem torna-se, assim mais senhor de suas obras e vê o seu trabalho elevar-se em qualificação e em inteligencia.... A agricultura multiplica, com a quimica nuclear, as possibilidades de alimentar a humanidade, cada vez mais numerosa que a de hoje, enquanto a biologia ganha, dia a dia, terreno na luta cotidiana contra as moléstias mais terríveis".

Saberá o homem ser digno dessa nova revolução, preparar os caminhos dum mundo melhor, mais humano do que o do industrialismo, do capitalismo, do socialismo, do comunismo?

Responsabilidades novas

O Serviço Social, o assistente social têm um papel muito importante, pelo emprego dos seus três métodos, ainda há pouco recordados, na elaboração harmoniosa e não desastrosa, dessa era atômica, de coexistencia pacífica dos povos, sob o signo cristão, porque outro não será possível. Se a ciência agronômica, por exemplo, anuncia que essa era atômica permitirá melhorar as espécies de plantas, maior controle e rendimento nos fertilizantes, combate mais eficaz às pragas, engordar

FADI

truirá o mundo. A decisão repousa no livre arbítrio do homem. Ele tem nas mãos o seu destino. Pensando nisso, um terror nos percorre e convenço-me de que um verdadeiro espírito religioso é a garantia única neste terreno".

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA — **Leão XIII** — Rerum Novarum; **Marx** — O Capital; **R. Kothen** — Problemas Sociais da Atualidade; **Gina Lombroso** — La rançon du Machinisme; **Amaral Fontoura** — Introdução ao Serviço Social; **Angelos Angelopoulos** — O Átomo Unirá o Mundo?; **Paulo Nagai** — Os sinos de Nagasaki; **Abbé Pierre** — Vers l'Homme: O drama da Habitação Popular; **Dauphin Meaunier** — L'Eglise et les strutures économiques du monde; **Josué de Castro** — Geopolítica da Fome; **William Vogt** — Caminho da Sobrevivência; **Pedro Vila Creus** — Manual de Orientaciones Sociales; **Pio XII** — Mensagens radiofônicas; Jean Fourastié et **Claude Vimont** — Histoire de Demain; **Tibor Mende** — La révolte de L'Asie; **René Masseyff** — La Faim; **Abbé M. Orban** — Le Mouvement social contemporain (in Problèmes d'adapation dans la chrétiente actualle); **René Fullop Muller** — Leão XIII; Serviço Social (revista); **J. O Hertzler** — The Crisis in World Population; Social Diagnosis — Mary E. Richmond.

Edições "CACTUS"

PUBLICADOS

Moacyr de Góes:
"O BRASIL ANTES DOS 30 ANOS"

Otto Guerra:
"O SERVIÇO SOCIAL NA ERA ATÔMICA"

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS:

Eloy de Souza:
"CALVÁRIO DAS SÊCAS"

Felipe Guerra:
"SÊCAS CONTRA SÊCAS"

Antônio Campos e Silva:
"NOTAS SÔBRE A PALEONTOLOGIA POTIGUAR (MAMÍFEROS E PEIXES)"

edição  *cactus*

1959